

NOTAS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DA AGB E DA UGI PARA O PANTANAL MATO-GROSSENSE

Mercedes Abid Mercante¹

RESUMO

Este artigo apresenta recortes históricos referentes aos estudos com os focos sobre a dinâmica social e ambiental do Pantanal, especificamente, sobre o Estado de Mato Grosso do Sul. Informa ainda, o importante papel da Associação dos Geógrafos Brasileiros e da União Geográfica Internacional - U.G.I., na produção de trabalhos científicos na região, tendo como marco referencial o ano de 1956, com a realização do XVIII Congresso Nacional de Geografia. Apresenta-se também a contribuição científica de renomados geógrafos divulgadas e publicadas em edições de alcance nacional e regional.

Palavras-chave: Pantanal. Geografia. Contribuição da AGB e UGI.

ABSTRACT

This article presents historical cuttings related to the studies with the foci about the social and environmental dynamic of the Pantanal, specifically, about the state of Mato Grosso do Sul. It also informs, the important role of the Association of the Brazilian Geographers and of the International Geographical Union - U.G.I., in the production of scientific works in the region, with main reference start the year of 1956, with the realization of the XVIII National Congress of Geography. It also presents the scientific contribution of renowned geographers divulged and published in editions of regional and national reach.

Keywords: Pantanal. Geography. Contribution of the AGB and UGI.

¹ Docente da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. mercante@terra.com.br

Introdução

Não há dentro do território brasileiro, nada que se compare ao Pantanal em termos de agrupamentos de ecossistemas e de desdobramentos da biodiversidade. A consciência disso é o começo da aplicação da Ciência. (AB'SABER, 1999).

Este ensaio objetiva revelar momentos significativos do processo evolutivo do pensamento geográfico brasileiro, retratados em estudos sobre o Pantanal Mato-Grossense, a mais importante área úmida brasileira, situada nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, considerada como Patrimônio Nacional, segundo a Constituição Brasileira e, internacionalmente reconhecida como Patrimônio Natural da Humanidade, Reserva da Biosfera, e sítio designado pela Convenção de Áreas Úmidas na lista RAMSAR.

Apresentam-se recortes da produção científica geográfica que tratam de “um paraíso da biosfera a ser resguardado com inteligência, previsão e sabedoria.” (AB'SABER, 1999).

Para o entendimento do tema foram eleitos pilares norteadores: o primeiro, definiu-se pelo delineamento de marcos históricos referenciais da AGB, ocorridos durante a realização de eventos internacionais, nacionais e regionais, tendo como ponto de partida o ano de 1956; o segundo estudos sobre o Pantanal Mato-Grossense estampados em publicações comemorativas, buscando recompor sincronicamente o avanço desses estudos com a evolução da historicidade da geografia brasileira.

Dentre as obras escolhidas, merecem destaques, pela consistência, amplitude, profundidade e caráter teórico dos assuntos tratados, as produções de Aroldo de Azevedo (1956), Orlando Valverde (1986) e de Aziz N. Ab'Saber (1988), publicadas em edições comemorativas. Estas são as fontes centrais do trabalho, mas merecem referências as contribuições de geógrafos apresentadas em eventos institucionais, tais como as de Aziz Ab'Saber, no Congresso Internacional sobre Conservação do Pantanal-INTERPAN e na I Mostra UNIDERP de Ciência e Tecnologia, realizados, respectivamente, em 1988 e 1999, em Campo Grande (MS).

Também são mencionados trabalhos produzidos por equipes multidisciplinares com participação e ou coordenação de geógrafos, com enfoques para as teorias e metodologias integrativas de análise geográfica, tais como: Os Estudos Integrados dos Recursos Naturais de Mato Grosso do Sul, com a consultoria técnica de Tereza Cardoso da Silva e Jean Tricart, desenvolvido com três subprojetos: o Atlas Multirreferencial (1990), o Macrozoneamento

Geoambiental (1988) e a Carta de Suscetibilidade à erosão da Macrorregião da Bacia do Paraná (1992).

Destaca-se também o importante trabalho que versa sobre o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai – PCBAP (1997), com a contribuição de Jurandir Luciano S. Ross.

Essas obras de grande envergadura são reveladoras das tendências para as abordagens de uma “geografia ecológica”, usando a terminologia de Andrade (1987). Segundo o autor, esta diretriz teve início, no Brasil, com Hilgard O’Railly Sternberg, Aziz Ab’Saber e Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, no final da década de 1960 e início de 1970, mas os avanços mais evidentes no tratamento da questão ambiental sobressaem-se nas décadas subsequentes. No entendimento de Mendonça (2002):

Observa-se, assim, avanços consideráveis no tratamento da questão ambiental nos anos 1980 e 1990 até o presente, ou seja, de uma fase predominantemente caracterizada pelo enfoque ecológico, que ressaltava a vertente naturalista, para uma outra centrada no ambiente, na qual a sociedade e natureza compõem as duas partes de uma interação dialética. (MENDONÇA, 2002, p. 133).

A existência de contrastes das paisagens dos pantanais é também abordada em publicações, tais como: Almeida (1944,1959), Pereira (1944), Veloso (1972), Alvarenga et. al. (1984), Tricart (1984), Silva e Abdon (1998), Queiroz Neto (1998), Melo e Mercante (2003) e Mercante (2003).

O esquema apresentado na figura 1 cinge-se às contribuições geográficas, mas não deixa de recorrer às assertivas advindas de outras áreas disciplinares.

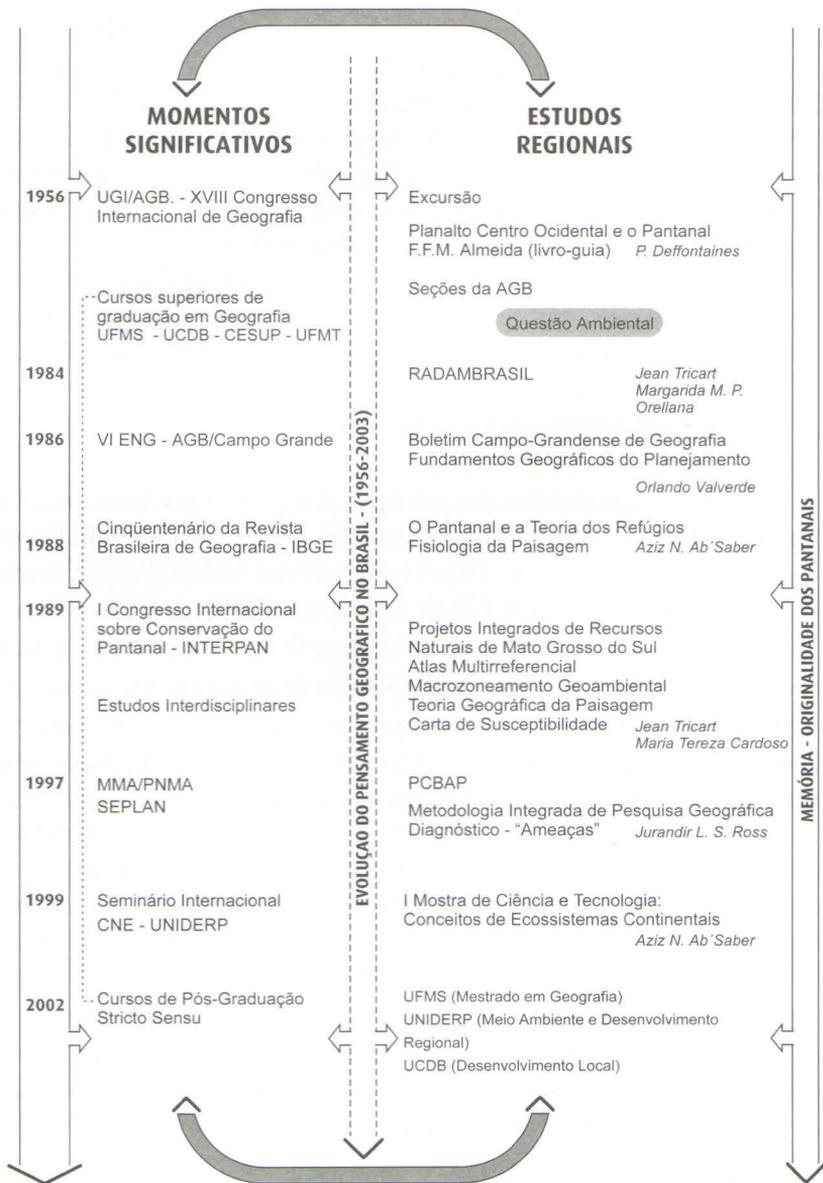
Na retrospectiva histórica, é perceptível que o número de publicações que contém referências epistemológicas e metodológicas, direcionadas às abordagens que dão sustentação à análise, mais significativas e abrangentes à medida que nos aproximamos do presente, repetindo, com menor intensidade, o que acontece na marcha evolutiva da Geografia Brasileira. Esta, segundo a compreensão de Carlos Augusto F. Monteiro, com a densidade da produção científica, já atingiu o estágio de maturidade, encontrando-se, nos patamares de uma Geografia “afirmada” (MONTEIRO, 2002, p. 36).

Enfocando o momento contemporâneo, o autor, manifesta que no Brasil surgiram vários ramos de entendimento geográfico, tornando-se perceptível a existência de elos dessa cadeia, mas há, também, uma “inquietação movida pela carência de certezas”, como afirma:

[...] em meio à grande Crise Histórica que atravessamos, onde as grandes mudanças no mundo repercutem nas percepções geográficas, ensejando

dúvidas, incertezas e embaralhamento das sendas epistemológicas, haverá uma aproximação ou aparentamento nessas confusas geografias. (MONTEIRO, 2002, p. 36).

Esquema - figura 1



Marcos históricos da UGI-AGB

No ano de 1956 aconteceu, sob os auspícios da União Geográfica Internacional – UGI, na cidade do Rio de Janeiro, o XVIII Congresso Internacional de Geografia, coordenado no Brasil por Hilgard O’Reilly Sternberg e outros colaboradores. Esse certame foi um “batismo de fogo” para a geografia no Brasil, pois o que parecia um ato arrojado para a época, resultou num sucesso, que ficou marcado na história da UGI, como um dos mais bem sucedidos, posto que registrou um novo e promissor renascimento dos estudos referentes ao homem dentro do campo da ciência geográfica (NOTICIÁRIO, UGI-BPG. 1956, p. 109).

O Congresso Internacional, realizado no Rio de Janeiro, foi uma baliza na historicidade da Geografia Brasileira, considerado como um marco de transição da fase de formação para aqueles em direção à afirmação (MONTEIRO, 1980; 2002). O aludido certame caracterizou-se com uma alavanca para o desenvolvimento do período brasileiro contemporâneo da ciência geográfica.

Realizado pela primeira vez fora do Hemisfério Norte, o Congresso Internacional propiciou aos neófitos pesquisadores brasileiros a oportunidade para demonstrar que já havia no Brasil uma comunidade científica ativa e de bom nível, capaz de dialogar com estrangeiros de reconhecidos méritos nos centros hegemônicos do saber, em várias áreas do conhecimento geográfico. Entre os estrangeiros merecem destaque no campo da geomorfologia Jean Tricart, Herbert Wilhelmy, Max Derreaux e outros; na Biogeografia Carl Troll (MONTEIRO, 2002, p. 17). Este seguidor da perspectiva da concepção de (Landschaftszelle) “células de paisage” (MENDOZA, 1988, p. 125).

Como integrantes da programação do evento, realizaram-se nove excursões científicas direcionadas para o vasto território brasileiro, previamente preparadas com livros-guia. As excursões visavam a atender aos princípios estabelecidos no Estatuto da AGB, fundada seguindo o modelo da Association de Geographie Française que estabelecia em seu Artigo 2º:

Para atingir seu objetivo, a Associação realizará reuniões periódicas de seus associados, levará a efeito excursões de estudos, manterá uma publicação periódica e procurará, por meio de fundação de núcleos filiados, ou em cooperação com organizações similares, irradiar suas atividades pelo território do país.” (ZUSMAN, 2001, p. 18).

A interiorização dos grupos integrados por cientistas propiciou a publicação de um repertório de estudos com dados coligidos *in loco*. Eram como

frentes geográficas pioneiras de estudos regionais tropicais. Os legados dos trabalhos em campo contribuíram para reforçar os alicerces da ciência geográfica brasileira, que buscava sua afirmação e respeitabilidade. Essa fase da AGB, de realizar reuniões e excursões, desempenhou importante papel na qualificação de profissionais, funcionando como uma verdadeira escola de formação de geógrafos, num período em que havia dificuldades para a realização de trabalhos de campo, e os centros de difusão concentravam-se em São Paulo e Rio de Janeiro (ANDRADE, 1989, p. 51).

A excursão para o Centro-Oeste ganhou singularidade, sob a direção de Miguel A. de Lima e Fernando F. M. de Almeida, este último, um grande colaborador da AGB e, ao mesmo tempo, detentor de vasto conhecimento regional fundamentado em dados recolhidos em seus minuciosos trabalhos de campo. Os locais isolados desse Extremo Oeste foram perlustrados pelo pesquisador, acentuando, sobretudo o seu caráter de pioneirismo, como é observável em sua análise sobre *A Serra de Maracajú - A paisagem e o homem*, ao afirmar:

Embora uma das regiões mais interessantes do Brasil Central, tanto pelos seus aspectos geomorfológicos e antropogeográficos como pelas suas reminiscências históricas, só um número muito limitado de pesquisadores visitaram-na.” (ALMEIDA, 1944, p. 60).

Na excursão realizada, devemos à figura do geógrafo francês Pierre Deffontaines – fundador e primeiro presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB – uma contribuição representativa, através da expressão gráfica de croquis e desenhos, reveladores de contrastes dos vastos espaços do Centro-Oeste brasileiro.

Alguns quadros desse acervo foram publicados no opúsculo sobre *Paisagens de Mato Grosso*, no Boletim Paulista de Geografia n. 24, da Seção Regional de São Paulo da AGB e cujo texto foi reeditado em 2004, na Edição Histórica do Boletim Paulista de Geografia, n.º. 81 e dois estão rerepresentados nas figuras 2 e 3:



Introdutoriamente, Aroldo de Azevedo (1956) revela a grandiosidade do então Estado de Mato Grosso, antes do desmembramento de parte de seu território para a criação de Mato Grosso do Sul, percebida pelos excursionistas, ao percorrerem o roteiro, ora pelas vias terrestres levantando o pó colorido das estradas, ora pelas vias fluviais, em embarcações rústicas, contornando meandros de rios pantaneiros, ora nas distantes cidades, ou contemplando, das alturas, o cerrado de aparente monotonia, mas de rica biodiversidade; o mar de capins do Pantanal, as matas galerias, a tabularidade das chapadas e chapadões e as moradias dispersas no meio rural, levando o apresentador a afirmar que em Mato Grosso:

Tudo é grande e essa grandeza faz-se sentir na própria paisagem, já que imensos são os 'quadros' regionais e extraordinariamente amplos os elementos que acabam por constituir o 'mosaico' de suas paisagens variadas. Para ele,[...] Mato Grosso caracteriza-se pelos grandes contrastes. Com efeito, os estudos microgeográficos perdem seu significado quando interpretar a paisagem mato-grossense; são as visões panorâmicas, amplas e desmedidas, que precisam ser utilizadas caso desejemos descobrir os contrastes que se escondem sob a capa de uma aparente uniformidade. (AZEVEDO, 1956, p. 99).

Os croquis Deffontaines e as observações descritivas contidas no livro Guia (ALMEIDA, 1959) não deixaram de chamar a atenção para os contrastes existentes entre os aspectos naturais, sob o ponto de vista da dinâmica da natureza do planalto circundante e sua relação com o processo de sedimentação quaternária da planície, e também os processos sociais (dinâmica social), evidenciados nos trechos visitados, principalmente para o uso da terra para fins agrícola e também os desgastes causados pelos garimpos, notadamente os da região de Poxoréu.

Cabe registrar a participação de Herbert Wilhelmy, na referida excursão, que fez observações perspicazes sobre as lagoas do Pantanal, de grande validade até os dias atuais, pois reconheceu que os circulares gerados em áreas de entroncamento de meandros, podiam ter águas doces ou salobras, dependendo ou não da alimentação das águas de inundação. Pela primeira vez chamou-se atenção para o caráter endorreico dessas lagoas, fontes de alimenta o complementar para o gado.

Em 1986, a AGB – Seção Campo Grande, d  um passo à frente, sedian- do o VI Encontro Nacional de Geógrafos VI ENG, sob a coordenação da AGB Nacional, cujo presidente era Orlando Valverde. O Encontro contou com 179 contribuições científicas, destas, 16 referem-se aos estados de Mato

Grosso do Sul e Mato Grosso, com a maior parte dos focos temáticos voltados para os aspectos socioeconômicos. Foram reduzidos os trabalhos sobre estudos regionais que mencionaram o Pantanal. Porém, durante o evento foi lançada a primeira publicação do Boletim Campo-Grandense de Geografia, com o propósito de propiciar um espaço à difusão de produções científicas regionais e nacionais, tal como a de Orlando Valverde, sobre *Fundamentos Geográficos do Planejamento do Município de Corumbá*, no qual deixa transparecer o envolvimento da geografia com a relação sociedade-natureza, influenciado por Virgílio Corrêa Filho, que em 1946 já chamava atenção para a devassa dos pantanais.

Valverde reafirma que, na denominação genérica de pantanal, há impropriedades que não correspondem à realidade geográfica. Segundo esse autor, no conceito que é empregada a palavra “há mais de um pantanal, como paisagem natural e humana.” (VALVERDE, 1986, p. 41), reconhecendo a existência de diferentes setores no quadro da planície de sedimentação quaternária, que regionalmente são denominados de pantanais.

Faz referências às vagas colonizadoras do imenso espaço que outrora era habitado por várias tribos indígenas, correlacionando isso com os fatores que lembram a concorrência biológica do reino vegetal.

Aborda questões da geopolítica desencadeadas pela Guerra do Paraguai, que varreu o Pantanal como um cataclismo (VALVERDE, 1986, p. 96). Na esteira dessa herança, o autor trilha para análise do pós-guerra, e cita fatos de uma geografia humana rústica, enfrentando a vastidão das terras submetida às variações impostas pelo ciclo hidrológico de cheias e vazantes.

No espectro da pobreza, refere-se às condições de habitabilidade do pantaneiro tanto dos fazendeiros como dos peões, porém ressalta que a alimentação era abundante.

Em meio à efervescência dos avanços tecnológicos, como uma das comemorações do cinquentenário do IBGE, a edição especial da Revista Brasileira de Geografia, trouxe um trabalho síntese intitulado *Pantanal Mato-Grossense e a Teoria dos Refúgios* (AB'SABER, 1988), em que o autor explicita sua diretriz teórica calcada na tese sobre as flutuações climáticas e mudanças ecológicas.

Ao expressar a sua intenção de aprimorar as teorias científicas endereçadas para a oferta de propostas para uma correta administração de uma região ecológica particularmente diversificada e rica, afirma ter como preocupação, sobretudo, a recuperação de:

[...] sua história fisiográfica e ecológica, tendo em vista esclarecer fatos de seus espaços naturais, suas ecozonas, dinâmica climático-hidrológica e fatores de perturbação de seus múltiplos ecossistemas. Aprofundamos-nos no conhecimento da origem e evolução do Pantanal pensamos entender melhor a gravidade dos fatores negativos provocados por ações antrópicas desconexas e mal conduzidas. (AB'SABER, 1988, p. 11).

Com esse posicionamento, reforça mais uma vez a sua contribuição para a geografia produzida no Brasil, sobretudo, de análises integradas, voltadas para as questões ambientais.

Analisa a grande e relativamente complexa planície de coalescência detritico - aluvial quaternária do país, com enfoque para a fisiologia da paisagem, bem como demonstrando a importância do Pantanal para o entendimento da teoria dos refúgios.

Explica que as mudanças ecológicas na depressão do Alto Paraguai foram influenciadas pelas flutuações climáticas e assinala que no revestimento:

[...] fitogeográfico da depressão pantaneira participam três grandes províncias da natureza que, recentemente exploraram biologicamente seu espaço total, multiplicando tipos de habitats diferenciados que servem de nichos para o asilo da fauna.

Ao abordar a existência de quatro tipos de componentes do intrincado mosaico paisagístico, recorre, sobretudo, à terminologia biogeográfica ao salientar que são:

[...] relictos florísticos, relacionados a penetrações anteriores de vegetação proveniente de áreas secas, constituem um quarto tipo de componentes bióticos ao lado da flora do cerrado, do Chaco e da Pré-Amazônia. Cada um dos quais possui espaço próprio no interior e no entorno da Grande Planície. (AB'SABER, 1988, p. 40).

Com este direcionamento de análise para parâmetros mais integrados, reforça a posição de Tricart (1984) em sua análise adverte sobre a necessidade de integrar os parâmetros ecológicos com os geográficos rumo a um paradigma interdisciplinar ecogeográfico.

Esta postura revela a busca de um novo paradigma, rumo ao entendimento do ambiental.

Avanços consideráveis no tratamento da paisagem pantaneira ocorreram a partir das décadas de 1980 e 1990, no contexto das instituições de ensino superior que oferecem cursos de Geografia (UFMS, UNIDERP e UCDB). Foram criados periódicos para a divulgação tais como: *Revista Pantaneira*, *Re-*

vista *Geo Pantanal* e *Revista de Geografia*, esta com a iniciativa da AGB – Seção Dourados MS:

A revista de Geografia é uma das maiores contribuições da Seção para a Geografia, pois se torna um veículo de divulgação de textos sobre a realidade regional, discute questões de caráter mais abrangente e amplia o intercâmbio na comunidade geográfica.

Análise integrada e prognóstico da Bacia do Alto Paraguai

Em decorrência da necessidade de gerenciamento com base científica, surgiu o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (Pantanal) – PCBAP, como um componente do Projeto Pantanal, no âmbito do Plano Nacional do Meio Ambiente – PNMA, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA. Este trabalho, publicado em três volumes, reuniu uma equipe interinstitucional e multidisciplinar, com a finalidade de executar um amplo diagnóstico, sem perder de vista a realidade regional.

A orientação metodológica do PCBAP contou com a contribuição e a participação do geógrafo Jurandir Luciano S. Ross e a adoção das fases metodológicas preconizadas por Libault (1971), sobre *Os quatro níveis de pesquisa geográfica* (compilatório, correlatório, semântico e normativo).

A elaboração do Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai partiu da adoção de uma concepção metodológica baseada na Teoria Geral dos Sistemas, na compreensão das características e dinâmica do ambiente natural, correlacionando-se às condições sociais e econômicas. Assim, contemplavam-se os aspectos disciplinares que representam os componentes do Estrato Geográficos da Terra, preconizados no conceito cunhado por Grigoriev (1968, apud ROSS, 1997), valorizando a inter-relação dos fluxos de energia e matéria entre os componentes da natureza e da sociedade.

Com este direcionamento, o PCBAP propôs um sistema de planejamento contemplando a visão interdisciplinar do conhecimento da realidade, estabelecendo diretrizes gerais e específicas de desenvolvimento e propondo respeito aos diferentes níveis da dinâmica física e geográfica, numa relação harmônica entre a sociedade e natureza.

Ross (1997), ao notificar a importância da Geomorfologia aplicada ao planejamento estratégico e à Gestão Ambiental da Bacia do Alto Paraguai, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável, elucida que:

O mapeamento e a análise geomorfológica foram instrumentos técnico-científicos fundamentais no processo de identificação das fragilidades dos sistemas ambientais, das potencialidades dos recursos naturais, da definição das Zonas Ambientais, bem como no estabelecimento das diretrizes gerais e específicas, tanto de proteção, quanto de desenvolvimento e de recuperação. (ROSS, 1997, p. 269).

O enfoque metodológico adotado no PCBAP buscou o entendimento da dinâmica funcional ambiental natural e a sólida investigação sobre as relações sociais aí existentes (PCBAP, 1997. p. 2).

Considerações finais

Apresentar notas sobre a produção geográfica do Pantanal, mesmo que genericamente pontuadas, é uma tarefa voltada para a busca de soluções para a região úmida de água doce das mais valiosas, reconhecida pela sua posição de entroncamento biogeográfico da fauna dulcícola da América do Sul, pelo seu mosaico vegetacional, com componentes de quatro ecossistemas que penetraram na área e habitada por aqueles que aprenderam a conviver nessa região comandada por fatores complexos, relacionados com a dinâmica do planalto circundante e a depressão, situada na faixa de contato entre países sul-americanos.

As obras escolhidas revelam preocupações com a problemática ambiental e a fragilidade da grande planície Quaternária. Evitamos deliberadamente abordar uma série de ameaças ambientais que ora acompanham a realidade pantaneira.

Referências

AB'SABER, A. N. O Pantanal Mato-Grossense e a Teoria dos Refúgios. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano 50, T. 2, 1988.

_____. **Conceito de Ecossistema e sua aplicação ao território Brasileiro**. Fita VHS, v. 1 e 2, TV Pantanal, 1999.

_____. **Os domínios de Natureza no Brasil – Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003. 159p.

AGB – Seção Dourados - Memória e História de um processo de construção coletiva. Terra Livre 22. São Paulo, Ano 20, v. 1, n. 22. p. 85-97, 2004

ALVARENGA, S. M; BRASIL, A. E.; PINHEIRO, R.; KUX, H. J. H. Estudo geomorfológico aplicado à bacia do Alto Paraguai e Pantanal Mato-Grossenses. In: Boletim Técnico. **Projeto RADAMBRASIL**. Salvador, out. 1984. p. 89-1983. (Série Geomorfologia; 1).

- ANDRADE, M. C. **Geografia** – Ciência da Sociedade. 2. ed. Atlas, 1992.
- ANDRADE, M. C. **Caminhos e Descaminhos da Geografia**. Campinas-SP: Papirus, 1989. 85 p.
- ASSOCIAÇÃO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS - Noticiário. XVIII Congresso Internacional de Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**. n. 24, 1956.
- _____. IV Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições Científicas. **Anais...** Campo Grande (MS), 1986.
- AZEVEDO, A. Paisagens de Mato Grosso. **Boletim Paulista de Geografia**. n. 24, 1956, p. 99-111.
- GEIGER, P. P. **Industrialização e urbanização no Brasil, conhecimento e atuação da Geografia**. RBG. Rio de Janeiro, ano 50, n° especial, t. 2, 1988.
- MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral e IBGE. **Macrozoneamento Geoambiental do Estado de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, 1988. 438 p. Convênio Cooperação Técnico/Científica. IBGE-Estado de Mato Grosso do Sul.
- _____. Secretaria de Estado de Planejamento e de Ciência e Tecnologia. **Atlas Multirreferencial do Estado de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, 1990.
- _____. Secretaria de Estado de Planejamento e de Ciência e Tecnologia. **Susceptibilidade à erosão da macrorregião da Bacia do Paraná**. Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, 1982.
- MELO, V. e MERCANTE, M. A. **Variações na Paisagem de um setor do Pantanal Sul-Mato-Grossense**. In: III Encontro de Pesquisa e Iniciação Científica. Revista Ensaios e Ciências, *meio digital*. 2003.
- MENDONÇA, F. Geografia Socioambiental. In: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.
- MENDOZA, J.G. et. al. **El Pensamiento Geografico**. LOCAL, Alianza Universidad, ANO.
- MERCANTE, M. A. **O Processo de reflorestamento em áreas de cerrado e seus efeitos ambientais** – O caso de Mato Grosso do Sul. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1994.
- MONTEIRO, C. A. F. A Geografia no Brasil ao longo do século XX: um panorama. **Borrador**, n. 4. AGB, São Paulo, 2002.
- _____. **A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências**. São Paulo. IGEO-USP. 1980.

_____. A Abordagem Ambiental na Geografia – Possibilidades da pesquisa e limitações do Geógrafo ao Monitoramento. **RA'E GA**, Ano III, n. 3. 1999. p. 9-17.

PEREIRA, J. V. C. Pantanal. In: **Tipos de Aspectos do Brasil**. IBGE. 10ª ed. Rio de Janeiro-RJ. 1975.

QUEIROZ, NETO, J. P. et. al. Nhecolândia. Exemplo de regime hidrológico do Leque Aluvial do Taquari (MS). In: **GEOSUL-SC**, Ed. Especial, 1998.

ROSS, J. L. S. A. A Geomorfologia Aplicada a Planejamento e Gestão Ambiental da Bacia do Alto Paraguai. In: VII Simpósio Brasileiro de Geografia aplicada. **Anais...** Curitiba, UFPR, 1997.

SILVA, J. dos S. V. da; ABDON, M. de M. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. In: EMBRAPA. **Pesquisa agropecuária Brasileira**. v. 33, n. especial, outubro, 1998, p. 1703-1711.

TRICART, J. **Le Pantanal (Brésil): étude ecogeographique**. Travaux et documents de géographie tropicale. Franca, **CEGET**, p. 52-92, 1984.

VALVERDE, O. Fundamentos Geográficos do Planejamento do Município de Corumbá. In: **Boletim Campo-Grandense de Geografia**. Campo Grande (MS), nº 1. 1986.

VELOSO, H. P. **Aspectos Fito-Ecológicos da Bacia do Alto Rio Paraguai**. **Biogeografia** 7. São Paulo, 1972.

ZUSMAN, P. B. Na procura das origens da AGB. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, v. 78, dezembro, 2001.